

TEMPOS DISTINTOS DE APRENDER, COMPREENDER E ACEITAR O MOMENTO DE CADA ESTUDANTE.

Autor: Erika Araújo Pinto;
Co-autores: Amarildo Reino de Lima; Fabia Barbosa dos Santos;
Rogério de Carvalho Machado

Universidad de La Empresa-Montevideo-Uruguai – E-mail: ude@ude.edu.uy

1.0 - INTRODUÇÃO:

Tem um bebezinho aí dentro...? Será que ele pode aprender?

Desde muito pequenos iniciamos nossos processos de aprendizagem. Durante a gestação pode-se observar que ao se desenvolverem os fetos, buscam formas e espaços, deste modo demonstram adaptação e aperfeiçoamento dentro do útero materno, afim de continuar seu crescimento. Essas adaptações deixam claro que na luta pela sobrevivência somos capazes de optar pelos caminhos que iram facilitar nossa existência. Segundo Andrew Meltzoff (2017), “O cérebro dos bebês é extremamente receptivo a novas experiências. Nascemos com quase o mesmo número de neurônios que carregaremos durante a vida toda, mas é durante os primeiros anos de vida que reconstruímos e redefinimos as conexões entre esses neurônios. Assim nos permite realizar nossas funções diárias como andar, falar e ler”.

Segundo Newcombe (1999), “os pais são os primeiros professores que os bebês têm contato, através de estímulo e respostas conseguem desenvolver suas primeiras relações sociais e conseqüentemente ampliam seus conhecimentos”. Toda criança apresenta um ritmo único no processo de evolução. Cada pessoa tem uma história particular e única, formada por sua estrutura biológica, psicológica, social e cultural. O Humanista Rogers afirma: “que cada ser humano já nasce com um impulso em direção a ser competente e capaz, tanto quanto o que vai ser biologicamente. “Assim como uma planta tenta tornar-se saudável, como uma semente contém dentro de si impulso para se tornar uma árvore, também uma pessoa é impelida a se tornar uma pessoa total, completa e auto atualizada” (BALLONE, 2012). É importante ter em mente que a criança somente estará apta para as "batalhas" desse período quando seu desenvolvimento físico, psicomotor, cognitivo e afetivo/social estiver dentro da normalidade. Se uma dessas áreas estiver prejudicada, o mundo das letras será uma grande fonte de frustração, e a criança estará frágil para os embates sociais, podendo se refugiar no infantilismo emocional, o qual poderá ser agravado pelas cobranças às quais não conseguirá corresponder.

Esse fato ocorre tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Da mesma forma que uma criança engatinha, fala, anda etc. precocemente ou tardiamente em relação uma das outras, no processo de aprendizagem ocorre o mesmo com o aluno.

Compreende-se que o ciclo vital humano para o estudo do desenvolvimento do homem pode ser dividido em quatro fases: a primeira trata da "infância", que, segundo várias teorias, pode ser dividida em "primeira infância" (zero a dois anos), "segunda infância" (anos pré-escolares) e "terceira infância" (anos escolares); a segunda, para a Psicologia da Educação, é a adolescência por ser considerado um período de provas para a fase adulta, sendo portanto objeto de muitos estudos ; por fim, o ser humano ainda passa pela “vida adulta” e pela “velhice”. E deste modo a Psicologia da Educação procura ao longo do tempo através das teorias de aprendizagem, que foram criadas e/ou desenvolvidas auxiliar o entendimento e compreensão dos processos de ensino-aprendizagem pelo qual passamos ao longo de nossa vida; em especial as questões que envolvem o crescimento Educacional e, porque

aprendemos de formas tão distintas uns dos outros. Temos tempos de aprendizagem diferenciados. Cada um aprendendo ao seu tempo.

1.1 - Marco Histórico/Teórico: O mundo psicológico foi investigado pelos gregos, apesar de, naquela época, não haver Psicologia como Ciência (surgida somente em torno de 1879). A Psicologia teve início no século XIX, na Alemanha, sendo instituída por Wundt. Ele é considerado o “pai” da Psicologia, pois lutou para que ela se fixasse como Ciência, ganhando espaço como disciplina acadêmica formal. A Psicologia se estabeleceu como Ciência, começaram a surgir, nos EUA, as grandes escolas da Psicologia do século XIX: o Estruturalismo, o Funcionalismo e o Associacionismo. Essas três escolas, o Estruturalismo, o Funcionalismo e Associacionismo, a partir de seus conceitos permitiram o desenvolvimento de novas abordagens da Psicologia no início do século XX. Estas são as seguintes: a Psicanálise, o Behaviorismo, a Gestalt e o Humanismo. As teóricas da Psicanálise, Behaviorismo, Gestalt e Humanismo, que são teorias que tratam de como o inconsciente, o comportamento sobre o ambiente, a percepção e a humanização e afetividade no contexto escolar; podem influenciar na Educação e nos Processos de Ensino Aprendizagem, em especial ao conceituar e esclarecer por que caminhos podem passar as formas e tempos de aprendizado. São teorias bem aceitas no campo da Psicologia.

1.1.2 - Processos Cognitivos na Fase Escolar: A teoria de Piaget, não construiu métodos para a Educação, mas uma teoria chamada Epistemologia Genética, que teve como objetivo compreender o processo de formação/construção do conhecimento. Segundo Kail (2004), a criança na fase pré-escolar faz uma transição do pensamento sensório-motor para o pensamento pré-operatório, que abrange as idades de 2 a 7 anos. Essa fase é marcada pelo uso de símbolos para representar objetos e acontecimentos. A fase escolar, também conhecida como "meninice", inicia-se por volta de 6 ou 7 anos, quando a criança passa a frequentar o Ensino Fundamental, e termina com a chegada da adolescência, aos 11 ou 12 anos. Nessa etapa, ocorre grande expansão no contexto ambiental e social. A criança sai da proteção direta dos pais e amplia as aquisições, antes estruturadas em planos lúdicos, porém agora com realizações objetivas e mais cobranças sociais. De acordo com Piaget, todos os seres humanos passam por essas fases, na referida sequência, mas o início e o término de cada uma delas depende das relações entre as características biológicas do indivíduo e os fatores sociais/ambientais.

No que se refere à contribuição de Piaget para a Educação, esse teórico não fornece respostas ao professor de como se deve ensinar um estudante, mas possibilita identificar o estágio em que o aluno se encontra, permitindo compreender como o aluno aprende, quais são seus limites e suas potencialidades intelectuais. O professor deve procurar saber os conhecimentos prévios dos estudantes para poder apresentar elementos para que o próprio estudante construa seu conhecimento.

1.2 - Psicologia da Educação: No século XX, a Psicologia da Educação passou a ser considerada uma área da Psicologia Científica, porém lançando mão de tentativas de aplicar na Educação os conhecimentos relevantes construídos pela Psicologia Científica. Por isso, a Psicologia da Educação apresenta como um de seus princípios fundamentais o fato de que a educação e o ensino podem ser melhorados quando utilizamos corretamente os conhecimentos psicológicos, nas atividades de ensino (COLL SALVADOR et al., 1999). Esse conhecimento se revela em várias ações que os professores devem lançar mão, tal como considerar as características de desenvolvimento dos estudantes, para poder ensinar a matéria. Coll Salvador et al. (1999) apontam que existem grandes equívocos na aplicação do conhecimento psicológico, nas situações de sala de aula. É por essa razão que a Psicologia da Educação é uma área do saber que procura se situar entre a Psicologia e a Pedagogia, de forma a construir uma gama de conhecimentos sobre a atuação e a articulação do conhecimento da Psicologia

do Desenvolvimento e Aprendizagem e as práticas educativas, em situações reais de sala de aula.

Na atualidade, esse autor aponta a existência de várias definições relativas à Psicologia da Educação. A tendência é considerá-la como uma disciplina-ponte entre a Psicologia e a Educação, que possui um objeto de estudo que lhe é próprio e busca gerar um novo conhecimento acerca do fenômeno da aprendizagem. Essa segunda visão, que considera a Psicologia da Educação como disciplina-ponte, obriga-nos a realizar profundas modificações na forma com que compreendemos o conhecimento psicológico e a teoria e prática educativa.

Um aspecto fundamental a prática docente está em conhecer alguns dos aspectos implícitos no processo de ensino-aprendizagem de nossos estudantes, bem como o nosso papel como educadores. Para isso, faz-se necessário discutir as principais correntes teóricas cognitivas atualmente utilizadas pelos profissionais da Educação: o construtivismo, o socioconstrutivismo e a teoria do processo da informação.

O Construtivismo e o Socioconstrutivismo podem ser apontados como as principais teorias utilizadas nos últimos tempos. Visto que privilegiam e equiparam aprendizagem com a criação de significados a partir das experiências e vivências dos educandos. Para Davis: “É impossível, nos dias de hoje, deixar de atribuir importância ao trabalho de Piaget e Vygotsky. Em especial no campo da psicologia do desenvolvimento e, mais recentemente, da psicologia da educação, esses autores têm seu lugar assegurado. [...] Piaget ou Vygotsky? As propostas de Piaget e Vygotsky iluminam diferentes aspectos do cotidiano escolar, e escolher entre uma ou outra oposição pode ser um equívoco para o docente... O trabalho educativo deve fazer uso dos melhores recursos que a psicologia lhe oferece (DAVIS, 2005, p. 38).

O professor deve essencialmente criar situações de aprendizagem que auxiliem o estudante a construir o seu conhecimento o papel de mediador por parte do professor torna-se fundamental. Ao destacar as contribuições pedagógicas do construtivismo.

Não se pode deixar de apontar a contribuição da Teoria da Andragogia, que, inicialmente, visava à educação de adultos, surgindo como um modelo de aplicabilidade universal e atual. Durante toda a sua vida, o homem evolui por meio do aprendizado contínuo. Portanto: [...] a Andragogia estuda o adulto por completo: sua vida, seu trabalho, seus sentimentos, suas habilidades, seus gostos, seu comportamento, enfim, tudo que está relacionado com o seu ser (Rodrigues, 2010).

É importante enfatizar o conceito de Andragogia que nada mais é do que a educação ou ensino para adultos. E desta forma propõe autonomia, colaboração e a autogestão da aprendizagem, atributos importantíssimos para quem deseja crescer profissionalmente. Dentre os seis princípios da Andragogia: Destacam-se como os mais significativos: - Necessidade de saber; - Autoconceito do aprendiz: Os adultos são responsáveis por suas vidas e decisões, portanto precisam ser encarados e tratados como indivíduos capazes de se fazer suas próprias escolhas. - Papel das experiências: Os adultos possuem experiências prévias e justamente essas experiências são a base do aprendizado. - Prontidão para aprender, - Orientação para aprendizagem; - Motivação: Os adultos respondem bem quando fatores motivacionais entram em cena, como por exemplo, a satisfação, qualidade de vida, auto estima e afins.

Vale ressaltar que nós docentes somos preparados principalmente para atuar na educação de crianças e adolescentes, desta forma a dificuldade na Educação de Jovens e Adultos torna-se significativa e exige que o professor busque na Andragogia e seus princípios os caminhos que possam facilitar sua atuação e o conseqüente sucesso dentro do processo de ensino-aprendizagem aumentam exponencialmente. Dentre as características do desenvolvimento adulto cabe destacar: as experiências no seu contexto social, maturidade e responsabilidade.

Para Alarcão (2003) o grande desafio dos professores se torna assim, criar, dinamizar, estruturas e situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a autoconfiança nas

capacidades individuais para aprender, desenvolver um trabalho autônomo e colaborativo, e espírito crítico”. Situações vivenciadas por docentes, que serão tema de análise e contextualização a partir do referencial teórico ora apresentado.

2.0 – ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO:

Neste estudo os autores optam por referenciar com maior destaque as contribuições para fins de análise, contextualização de seus estudos e atividades profissionais as contribuições da Teoria do Construtivismo, que podem ser consideradas essenciais, seus criadores e pesquisadores apontam de forma um tanto eficaz a necessidade de se efetivar, compreender, aceitar e incluir no trabalho pedagógico as experiências individuais e os objetivos dos estudantes. Essa perspectiva cognitivo-construtivista da aprendizagem deve-se ao modelo Piagetiano e de Ausubel, Novak e Hanesian (1981).

Nesta análise pode-se constatar com a revisão histórica aliada a nossa experiência profissional que o estudo aponta a necessidade de um professor efetivamente ser capaz de reconhecer, aceitar os diferentes e ao iniciar seu trabalho entender que seus estudantes possuem características distintas e específicas.

E assim: Na escola como professor: “vejo mais que estudantes, vejo pessoas extrovertidas, mas que escondem o mais importante de si e, tímidos que se expressam como ninguém...!!Vejo força onde parece fragilidade, vejo estudantes que andam com fé, vejo meninas que viram seu mundo desmoronar, vejo aqueles que correm atrás dos sonhos os que querem fugir da realidade e vejo as diferenças...” (Moretzsohn, 2017).

Nesse sentido, é essencial uma mudança de postura dos profissionais da educação, iniciando-se com uma formação crítico-reflexiva do docente, visando a boa qualidade educacional. Isso significa que o conceito de professor como profissional que reflete sobre sua prática deve ser uma preocupação de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem, porém, nunca dissociando teoria e prática na atuação educacional. “Os professores desempenham um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem, de uma forma situada, na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico [...] e a sua aquisição pelo estudante, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral. (Alarcão, 2005, p. 176).

Para (Alarcão, 2003), a escola não detém o monopólio do saber. A escola, como organização, deve ser um sistema aberto, pensante e reflexivo. O professor não é o único transmissor do saber e deve aceitar situar-se em novas circunstâncias. O aluno já não é mais o receptáculo a se deixar recheiar de conteúdo. A sala de aula, por sua vez, deixou de ser um espaço onde se transmite conhecimentos, passando a ser um espaço onde se procura e se produz o conhecimento. Ainda segundo a autora, as novas competências exigidas pela aprendizagem incluem valorizar a curiosidade intelectual, a capacidade de utilizar e recriar o conhecimento, questionar e indagar, ter um pensamento próprio, desenvolver mecanismos de auto aprendizagem, gerir a sua vida individual e em grupo, se adaptar sem deixar de ter a sua própria identidade e se sentir responsável pelo seu desenvolvimento constante.

O estudante deve observar o mundo, a si mesmo e procurar atribuir sentido aos objetos, aos acontecimentos, às interações, deve ir à procura do saber. Descobrir o prazer de ser uma mente ativa, sendo capaz de relacionar as coisas ao seu redor que as define e lhe dá sentido. O aluno então passa a depender menos do professor e ter mais autodeterminação, consciência crítica, valoriza mais suas capacidades, conhece o sentido de prazer que deriva da consciência do seu próprio progresso, mais responsivo perante o contexto, enfim, mais independente, descreve a autora. A aprendizagem significativa só ocorre quando a informação nova é ligada a conceitos existentes, assumindo que “é neste processo interativo entre o material recém-aprendido e os conceitos existentes (subsumer) que está o cerne da teoria de assimilação de Ausubel” (Novak, 1981 p. 63). Trata-se, de valorizar objetivos educacionais (e não

meramente instrucionais) que promovam uma avaliação formadora em detrimento da classificatória.

Em nossa prática pedagógica, quer nas salas de recursos para Deficientes Visuais na Educação Básica ou mesmo em Centros Universitários, pode-se observar que torna-se indispensável que os professores e estudantes construam em conjunto as formas mais adequadas para que o aprendizado se consolide. É necessária a integração entre todos os envolvidos nos processos de ensino aprendizagem e deste modo o papel mediador da Psicologia da Educação em todo o caminho na busca pela melhor forma de se aprender.

03- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após refletirmos sobre os processos e teorias estudadas está claro que os bebês sim ao se desenvolverem também aprendem. Deve-se no entanto, compreender e aceitar que, em tempos distintos, de acordo com suas características, físicas, psíquicas, motoras, sociais, sensoriais e de saúde ou ainda de oportunidades. Cada um a seu tempo. Aprendemos sim. A escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagem diferentes. "É necessário parar de privilegiar determinadas qualidades. O aluno mais rápido não é melhor que o mais lento", afirma (Benini, 2013).

Pode-se observar neste estudo que o desenvolvimento humano e a aprendizagem são tratados nas diferentes teorias apresentadas, com destaque às teorias construtivista e socioconstrutivista. Cada teoria constrói caminhos para explicar os processos de desenvolvimento e aprendizagem, que dependem de aspectos diferentes que influenciam a aprendizagem (autoestima, autoconceito, motivação, auto eficácia e habilidades sociais). Sem deixar de mencionar as contribuições da Andragogia na Educação de Jovens e Adultos.

A educação tem buscado compreender e respeitar a diversidade humana, buscando formas de incluir ao máximo possível todos, sendo portanto imprescindível que haja relação dos modos de ensinar dos professores aos modos de aprender dos estudantes. No alcance desses objetivos pode-se considerar as Teorias Cognitivas e de Aprendizagem, que em seus pressupostos apontam para a singularidade da aprendizagem humana.

É importante esclarecer o cuidado com aspectos individuais, e análise multidimensional de cada realidade – escola, bairro, instituição; dependerá da adesão de todos os envolvidos e conterà preferencialmente formação prévia e continuada dos professores. A escola estará constantemente em aprendizado, devido à natureza das especificidades e dinamicidade da inclusão, bem como dos avanços esperados às pesquisas nesse campo. É urgente que as políticas adotadas enxerguem aqueles sujeitos que não aprendem na escola, mas efetivamente por intermédio da ação direta de seus pais, professores particulares, ou ainda, quando estes são inexistentes, recorrem à auto exclusão, entendida como desestímulo pessoal, ou, numa perspectiva liberal, vista como falta de esforço do indivíduo. Já SABINO (1980), diz que: para entender melhor como a maneira de perceber um estímulo nos leva a ter um determinado comportamento, tem-se: “[...] destacar que "aprendizagem" não significa, apenas, realizar Acréscimos na estrutura cognitiva do aluno; é preciso, sobretudo, estabelecer modificações para que ela se configure como uma aprendizagem significativa.[...] teorias construtivista e sócio construtivista. Cada teoria constrói caminhos para explicar os processos de desenvolvimento e aprendizagem, que dependem de aspectos diferentes que influenciam a aprendizagem (autoestima, autoconceito, motivação, auto eficácia e habilidades sociais).” Numa lógica de aprendizagem por construção de conhecimento, exige-se a iniciativa do aluno e fala-se no papel mediador do professor: “... apela-se a um professor que consiga caminhar ao lado e à frente dos estudantes, a uma distância adequada, servindo de mediador entre os estudantes e a nova informação ou tarefa” (Almeida, 1998 p.57). O importante é centrar no aluno o processo de ensino-aprendizagem, criando condições para o envolvimento pessoal que se torna necessário (Praia, 1989; Mourão & cols., 1993; Almeida, 1998).

Os professores precisam organizar a sala de maneira colaborativa, fazendo que os estudantes se ajudem. Além disso, elaborar projetos com etapas a serem vencidas, possibilitando que os estudantes realizem autocorreções. São várias as ações que podem contribuir para que o estudante se sinta competente diante das tarefas escolares. As punições e as humilhações ajudam, somente, na construção de sentimento de incapacidade de aprender. O sentimento negativo em relação à escola é também construído com a participação da comunidade escolar, e não está relacionado apenas aos fatores externos. Para Libâneo (2004) é preciso considerar que, para cada aula, o tempo varia, isto quer dizer que nem sempre completamos numa só aula o desenvolvimento de uma unidade ou tópico de unidade e, também, que “o processo de ensino-aprendizagem se compõe de uma sequência articulada de fases”. Em tempos de novas tendências na prática pedagógica, como o construtivismo, essas fases precisam ser reconhecidas pelos professores, de forma que eles não percam nenhuma oportunidade de acompanhar e mediar a construção do conhecimento dos estudantes.

Os caminhos percorridos pelos estudiosos/pesquisadores durante a história na busca incansável do entendimento de que modo os indivíduos se desenvolvem e, desta forma contribuem para a elaboração de métodos e formas de se criar os caminhos mais efetivos na construção dos processos de ensino aprendizagem. Espera-se que estes caminhos possibilitem a inclusão Educacional de todos os estudantes e os possibilite uma formação plena e de qualidade. Conclui-se que é necessário compreender e aceitar que, em tempos distintos, de acordo com suas características, físicas, psíquicas, motoras, sociais, sensoriais e de saúde ou ainda de oportunidades. Cada um a seu tempo. Pode aprender sim.

4.0 - REFERÊNCIAS:

- ALARCÃO, I. Professores reflexivos Escola Reflexiva. São Paulo. Ed. Cortez, 2003.
- ALMEIDA, L. S. (1998). Aprendizagem escolar: dificuldades e prevenção. Em L. S. Almeida & J. Tavares (Orgs.), conhecer, aprender, avaliar (pp.51-74). Porto Editora.
- AUSUBEL, D., Novak, J. D., & Hanesian, H. (1980). Psicologia Educacional.
- BENINI, Roberta - Rev. Psicopedagogia. vol.30 no.92 São Paulo 2013
- BALLONE, G. J. Teorias da personalidade. <<http://psiqweb.med.br/site/>>.
- DAVIS, C. Piaget ou Vygotsky: uma falsa questão. Revista Viver: Mente e Cérebro, Coleção Memória da Pedagogia, São Paulo, Segmento-Duetto, n. 2, p. 38, 2005.
- LIBÂNEO, J.C. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. Educar, Curitiba, n 24, p 113-147, 2004. Editora UFPR.
- MOREIRA, M. A., & Masini, E. F. S. (1982). Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel. São Paulo: Editora Moraes.
- MORETZSOHN, P. (2017). Malhação - Vidas Brasileiras. site: <https://www.gshow.globo.com> - Acesso: 04/03/2018.
- NOVAK, J. D. (1981). Uma teoria de educação. São Paulo: Editora Pioneira.
- OSBORNE, R. J., & Freyberg, P. (1985). Learning in science: The implication of children's science. London: Heinemann Publishers.
- OSTERMANN, F.; CAVALCANTI, C.J.H. Teorias da Aprendizagem. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2010.
- REVISTA NOVA ESCOLA. <[http:// revistaescola.abril.com.br/formação](http://revistaescola.abril.com.br/formação)>.
- ROGERS, C. Tornar-se pessoa. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SALVADOR, C. C. et al. Psicologia da educação. P. Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- SABINO, F. Chaves da Vaguidão. In: A falta que ela me faz. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- VASCONCELOS, C.; PRAIA, J. F.; ALMEIDA, L.S. Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução a aprendizagem. Psico.esc. educ. v.7 n.1 Campinas-SP. Jun/2003.